

UMA CASA E UMA FAMÍLIA NO ANTIGO EGITO

Ciro Flamarion Cardoso*

Abstract

This paper begins with a translation of the Hekanakht Papers (a private archive dating from the end of the 21st or the first half of the 20th century BC), followed by an analysis of the house and family of the funerary priest Hekanakht. This is the only family archive from pharaonic Egypt to survive, allowing us a tantalizing glimpse at a plebeian family living at the beginning of Egypt's Middle Kingdom.

1. Sete papiros achados em Tebas Ocidental

1.1. Os documentos de Hekanakht

Em 1922, uma expedição arqueológica do Metropolitan Museum of Art de Nova Iorque descobriu sete papiros, conhecidos em inglês como *The Hekanakhte papers* – os documentos de Hekanakht –, em Deir El-Bahri, Tebas Ocidental, nas falésias ao norte dos santuários de Mentuhotep II e da rainha Hatshepsut, num sepulcro intacto da XI dinastia, o de Meseh (uma de quatro pessoas enterradas no pátio da tumba do vizir Ipi). Os documentos de Hekanakht estavam misturados ao entulho que enchia o poço do enterro, tendo sido amassados e jogados ali, presumivelmente por já não serem relevantes para o arquivo de família em cujo contexto haviam sido redigidos. Quarenta anos após serem descobertos, tais papiros foram publicados por T. G. H. James e, assim, postos à disposição dos egiptólogos (JAMES 1962: lâminas I a XV). Minha tradução desses documentos baseia-se na edição feita por James.

* Doutor, Professor Titular da Universidade Federal Fluminense - CEIA/UFF.
E-mail: ciro@cruiser.com.br

Os papiros Hekanakht I a IV contêm cinco cartas: quatro são do próprio Hekanakht (o papiro Hekanakht II inclui duas delas), a quinta, de uma mulher escrevendo à sua mãe; os demais documentos são contas e inventários.

Devido a terem sido tais documentos atribuídos por diferentes autores, seja ao final da XI dinastia, seja ao início da seguinte, bem como por existirem divergências sobre a cronologia do Reino Médio, o arquivo privado de Hekanakht tem sido situado no tempo, diversamente, em algum período entre os últimos anos do século XXI e meados do século XX a.C. O próprio Hekanakht era um sacerdote funerário a serviço do culto do vizir Ipi e pequeno ou médio proprietário de terras em Tebas Ocidental, onde se localizam os topônimos mencionados nos documentos (Nebsyt, Perhaa).

1.2. Tradução dos documentos de Hekanakht

Primeira carta de Hekanakht (Papiro Hekanakht I)

[1] Uma mensagem do sacerdote funerário Hekanakht a Mersu.

Quanto a tudo o que vier a ser inundado em nossa terra: tu é que a deves cultivar, com atenção (da parte de) todas as minhas pessoas e de ti (em especial), [2] já que eu te considerarei responsável por isso.

Sê diligente ao cultivar! Tem muito cuidado (com que) sejam protegidas as minhas sementes, (com que) seja protegida toda a minha propriedade, já que [3] eu te considerarei responsável por isso. Tem muito cuidado com toda a minha propriedade!

Faze com que o filho de Hety, Nakht, e Sanebniut desçam a Perhaa [4] (para) que cultivem para nós 20 (?) *aruras* de terra em arrendamento. Eles tomarão o seu aluguel daquele pano tecido aí. No caso, porém, de eles [5] (já) terem recebido o equivalente de valor daquele *emmer* que está em Perhaa, eles o aplicarão lá, em cujo caso não te ocuparás mais com o [6] pano a respeito do qual eu disse: “Tecei-o e eles o tomarão (depois de) ter sido avaliado em Nebsyt e alugarão terra por seu valor”. Caso [7] vos seja agradável cultivar 20 (?) *aruras* de terra lá, cultivaí-as! Vós achareis terra – 10 (?) *aruras* de terra para *emmer* e 10 (?) *aruras* de terra para cevada do norte – na terra [8] boa de Khepeshyt. Não vos estabeleçais na terra de qualquer um: vós pedireis (terra) a Hau, o jovem. Caso não acheis (terra) [9] com ele, então vós ireis diante de

Herunefer: ele é que vos conseguirá terra irrigada de Khepeshty.

Olha, pois: (quando) eu fui [10] aí, navegando para o sul, tu me havias prestado contas do arrendamento de 13 (?) *aruras* de terra em cevada do norte unicamente. Toma muito cuidado (em) evitar [11] apropriar-te de um (único) saco (que seja) da cevada do norte em questão, como (se fosses) alguém semeando com sua própria cevada do norte, pois já tornaste desagradável para mim o aluguel daquela (terra) em cevada do norte unicamente, [12] e sua semente, Olha, pois: quanto àquele que semeia cevada do norte – no tocante a 65 (?) sacos de cevada do norte provenientes de 13 (?) *aruras* de terra –, são 5 (?) sacos de cevada do norte por (cada) *arura* de terra. [13] Eis que isto não é pressionar exageradamente, pois 10 (?) *aruras* de terra rendem (?) 100 sacos de cevada do norte. Toma muito cuidado em evitar seres [14] presunçoso a respeito (até mesmo) de uma medida da cevada do norte em questão, posto que, na verdade, este não é um ano para um homem ser negligente em relação ao seu senhor, ao seu pai ou ao seu irmão.

Quanto a tudo o que vai fazer [15] para mim o filho de Hety, Nakht, em Perhaa, eis que eu não estabeleci para ele rações além de um mês: um saco de cevada do norte. [16] Estabeleço (agora) uma outra (ração) suplementar em cevada do norte – cinco medidas – para os seus dependentes, no primeiro dia do mês. Olha: se ultrapassares isto, eis que eu o considerarei em relação a ti como algo que foi desviado. [17] Quanto ao que eu (acabo de) te dizer, ou seja, “Dá-lhe um saco de cevada do norte para o mês”, tu lhe darás (somente) oito medidas de cevada do norte para o mês. Toma muito cuidado!

[vs. 1] O que significa teres feito vir ter comigo Sahathor trazendo a cevada do norte velha e esturricada que estava em Mênfis, [vs. 2] sem me serem dados aqueles dez sacos de cevada do norte em cevada do norte nova e boa? Então, tu estás feliz, comendo cevada do norte boa, (enquanto) eu sou negligenciado? O barco, pois, [vs. 3] atraca em teu cais (enquanto) ages mal em tudo! Se fizeste trazer-me cevada do norte velha para formar estoque daquela [vs. 4] cevada do norte nova, supõe-se que eu diga: “Que bom é isto!”? Se não me destinares cevada do norte – uma medida de cevada do norte nova (que seja) –, eu não te destinarei isto [vs. 5] pela eternidade!

Disseram-me o seguinte: “Snefru está [insatisfeito(?)]. Cuida muito dele! Dá-lhe rações! E saúda [vs. 6] Snefru, como diz Khenetykhety, “mil vezes, um milhão de vezes”. Toma muito cuidado! Escreve-me! No tocante

à parte inundada de minha terra, ele (a) cultivará [vs. 7] contigo e com Inepu, sob teu cuidado e o de Sahathor. Cuida muito dele! Tu mo enviarás depois do cultivo. Faze [vs. 8] com que ele me traga três sacos de trigo e o que achares de cevada do norte, mas (somente) o que exceder vossas rações (calculadas) até atingirdes a (estação da) colheita.

[vs. 9] Não negligencies tudo aquilo sobre o qual eu te escrevi, já que este é um ano em que um homem deve agir (favoravelmente) ao seu senhor.

Quanto a todos os meus assuntos do meu campo – [vs. 10] a todos os assuntos do meu campo no (canal de) (...)wy, aquele que eu havia plantado de linho –, não permitas que pessoa alguma se estabeleça nele. Quanto a qualquer coisa que [vs. 11] te disserem [acerca de alguém querer acesso a tal campo (?)], tu irás até ele e (...) tu semearás, pois, aquele campo com cevada do norte. Não semeies *emmer* lá. Se, porém, ele conhecer uma grande inundação, [vs. 12] semeá-lo-ás com *emmer*.

Cuida muito de Inepu e de Snefru! Tu morres com eles e vives com eles! Toma muito cuidado, pois ninguém é mais importante do que ele [vs. 13] naquela casa, incluindo-te! Não te esqueças disto!

Outrossim, faze com que aquela servidora da casa, Senen, seja expulsa de minha casa – toma muito cuidado! – [vs. 14] em qualquer dia em que Sahathor chegar a ti (com esta carta), pois se ela passar um (só) dia (adicional) em minha casa, eu agirei. Tu é que deixas que ela aja mal para com minha segunda esposa (?). [vs. 15] Olha: por que eu te faria (coisas) desagradáveis? E o que poderia ela fazer contra vós – estes cinco filhos?

Trata de saudar (em meu nome) a minha mãe, Ipi, mil vezes, um milhão de vezes! [vs. 16] E saúda Hetepet e todas as pessoas da casa, incluindo Neferet.

O que significa, pois, terem-se praticado más ações contra a minha segunda esposa? Tu vais longe demais! [vs. 17] Estás (acaso) estabelecido comigo como associado? Se parasses, que bom seria!

Trata de enviar(-me) uma conta daquilo que deverá ser coletado como rendimentos de Perhaa. Toma cuidado! Não sejas negligente!

[vs. 18] Aquilo que é enviado (pelo) sacerdote funerário Hekanakht [vs. 19] às pessoas de sua casa de Nebsyt.

Segunda carta de Hekanakht (início do papiro Hekanakht II)

[1] Um filho é que fala à sua mãe, o sacerdote funerário Hekanakht à sua mãe Ipi ; e a Hetepet. Como estais vós? (Estais em) vida, prosperidade e saúde? No favor de Montu, Senhor de Tebas! [2] E (fala) a todas as pessoas da casa. Como estais vós? Como estais vós? (Estais em) vida, prosperidade e saúde? Não vos preocupeis por mim, pois eu estou em boa saúde e vivo!

[3] Eis que vós (estais) como aquele que comeu até ser saciado, (depois de) ter passado fome até seus olhos afundarem (?). Eis que, (enquanto) o país inteiro está morto, vós não passais fome, já que, (quando) [4] eu fui até aí, navegando para o sul, eu fixei as vossas rações generosamente. Mas acaso a inundação foi muito grande? Vede, (já que) nossas rações são fixadas para nós [5] de acordo com o aspecto da cheia, sede pacientes, cada um de vós, pois eu cheguei hoje entre vós, mantendo-vos vivos!

(Que) sejam medidas rações para Sanebniut [6] em sua cevada do norte; que elas estejam em sua eira até ele partir para Perhaa.

[7] Lista das rações para a(s) pessoa(s) da casa:

[8] - Ipi: 8 medidas, [9] (com) a sua servidora;

[10] - Hetepet [11] e sua servidora: 8 medidas;

[12] - o filho de Hety, Nakht: 8 medidas, [13] com a sua família;

[14] - Mersu e sua família: 8 medidas;

[15] - Sahathor: 8 medidas;

[16] - Sanebniut: 7 medidas;

[17] - Inepu: 4 medidas;

[18] - Snefru: 4 medidas;

[19] - Sainut: 4 medidas;

[20] - a filha de My, Hetepet: 5 medidas;

[21] - Neferet: 3,5 medidas;

[22] - Saturet: 2 medidas.

[23] TOTAL: 7 sacos e 9,5 medidas.

[24] Se... Evitai zangar-vos por causa disto, [25] pois todas as pessoas da casa são como filhos meus e [26] eu sou responsável por tudo. Como (se costuma) dizer: “É melhor estar meio vivo do que morto de uma vez”. [27] Vede: chame-se de fome (só) a fome (verdadeira), já que se começou [28] a

comer gente (por) aqui, e posto que ninguém recebe rações (como) estas em lugar algum. Conduzi-vos corajosamente até eu voltar [29] para vós, pois eu passarei aqui a (estação da) colheita.

Terceira carta de Hekanakht (parte final do papiro Hekanakht II)

Mensagem do sacerdote funerário Hekanakht a Mersu e ao filho de Hety, Nakht, subordinado.

Vós dareis estas [30] rações às minhas pessoas (somente) enquanto estiverem trabalhando. Tomai muito cuidado! Revolvei (com a enxada) toda a minha terra, peneirai (os grãos) com a peneira, lavrai (a terra) com [31] vosso nariz no trabalho! Eis que se eles forem diligentes, ser-te-á agradecido e eu não vos farei coisas desagradáveis. Que se comece, pois, a dar [32] aquelas rações sobre as quais eu vos escrevi no primeiro dia de Khenetykhetyperiti, até um novo primeiro dia. Não sejais negligentes [33] a respeito daquelas 10 (?) *aruras* de terra que estão na vizinhança, dadas ao filho de Ipi, o jovem, Khenetykheti, para que as trabalhasse com a enxada. Tratai de ser diligentes, pois vós estais comendo minhas rações!

[34] No tocante a quaisquer possessões de Inepu que estiverem em teu poder, devolve-as a ele. Quanto àquilo que tiver sido destruído, compensa-o por isso. Não me faças escrever-te a respeito disto outra [35] vez, pois eu (já) te escrevi a este respeito duas vezes!

Se, pois, Snefru quiser, (se continuar) querendo cuidar daqueles touros, então deixa-o [36] cuidar deles: pois ele não quis estar contigo arando, indo e vindo; nem quis, por outro lado, vir (ter) comigo aqui. (Seja o que for) que ele desejar, [37] deixa, pois, que ele fique contente com o que ele desejar.

Quanto a qualquer um que rejeitar aquelas rações, seja entre as mulheres (ou entre) os varões, [38] que venha a mim (ficar) comigo, e viva como eu vivo!

Não vos havia eu, pois, quando estive aí, recomendado o seguinte: “Não aparteis [39] uma amiga de Hetepet de sua companhia, seja sua cabeleireira, seja sua criada?” Cuidai muito dela! Oxalá persevereis [40] assim em todas as coisas!

Posto que não a queres contigo, faz com que me seja trazida Iutenheb. Como aquele homem vive para mim – eu falo de [41] Ipi –, qualquer um que vier a cometer alguma (má) ação no tocante ao sexo de (minha) segunda esposa, ele está contra mim e eu estou contra ele, pois trata-se de minha segunda esposa e [42] sabe-se (bem) o que deve ser feito para com a segun-

da esposa de um homem. Olha: quanto a qualquer um que vier a fazer com ela algo parecido àquilo que eu fiz... Acaso, certamente, um de vós [43] seria paciente (se) lhe fosse denunciada a sua esposa? Seria eu paciente? De que forma? E como poderia estar convosco à mesma mesa? [44] Não respeitáreis, por minha causa, (a minha) segunda esposa?

[vs. 1] Vede, pois: eu fiz com que vos fossem trazidos por Sahathor 24 *deben* de cobre para aluguel de terra. Fazei, [vs. 2] pois, com que sejam cultivadas para nós 20(?) *aruras* de terra em arrendamento em Perhaa, junto a Hau, o jovem, (pagando-se o aluguel) em cobre, em roupas, em cevada do norte [vs. 3] (ou) em qualquer (outra) coisa; mas somente (depois) que tiverdes coletado lá um valor (adequado) pelo azeite ou (por) qualquer (outra) coisa. Tende muito cuidado, tratai de ser diligentes e vigilante(s), [vs. 4] já que vós (estais), então, em terra boa e irrigada de Khepesht.

[vs. 5] O que é enviado (pelo) sacerdote funerário Hekanakht às pessoas de sua casa de Nebsyt.

Quarta carta de Hekanakht (papiro Hekanakht III)

[1] O servidor do domínio funerário, o sacerdote funerário Hekanakht, é que fala a (Herunefer). A tua condição é como a de quem vive um milhão de vezes! Que ajam em teu favor Heryshef [= Arsaphes], Senhor de Heracleópolis, e todos os deuses que (estão no céu e na terra)! [2] Que Ptah, Sul-de-seu-muro, te alegre com vida, grandemente; (e com) uma idade propecta! [3] Possa tua reputação ser boa junto ao *ka* de Heryshef, Senhor de Heracleópolis!

Este humilde servidor fala para informar-te – vida, prosperidade, saúde! – [4] que eu envie o filho de Hety, Nakht, e Sanebniut a respeito daquela cevada do norte e daquele *emmer* que estão aí. Então, o que deve ser feito por ti – vida, prosperidade, saúde! – é providenciar que sejam coletados sem deixar [5] misturar-se alguma parte deles, de acordo com toda a tua excelência – que tenhas saúde, que vivas! Então, depois que forem coletados, sejam depositados em tua casa – vida, prosperidade, saúde! – até que se os venha buscar.

Então, olha: [6] eu fiz com que eles levassem (lit. trouxessem) a medida.com que devem ser medidos: ela é decorada em couro negro.

Olha, pois: 15 sacos de *emmer* estão em Huthaa [7] com Neneksu; e 13 sacos e 5 medidas de cevada do norte com Ipi, o jovem, em Iusebek. (Quanto) ao que está em Spatmat com o filho de Nehery, Ipi: 20 sacos de

emmer; [8] (com) o seu irmão Desher, 3 sacos. Total: 38 sacos (de *emmer*); 13 sacos e 5 medidas (de cevada do norte).

No caso daquele que me der o equivalente em azeite, deverá dar-me uma medida (de azeite) por dois sacos de cevada do norte ou por três sacos de *emmer*, [vs. 1] se bem que eu prefira (lit. eu quero) que a minha propriedade me seja dada em cevada do norte.

E que não haja negligência acerca de Nakht, acerca de vir ele ter contigo sobre qualquer coisa, posto que [vs. 2] ele é que cuida de (lit. vê) toda a minha propriedade.

[vs. 3] (Ao) Superintendente do Delta, Herunefer.

Carta de uma mulher à sua mãe (papiro Hekanakht IV)

[1] Uma filha é que fala à sua mãe, Satnebsekhetu fala a Satnebsekhetu.

Mil cumprimentos ao saudar-te com vida, prosperidade e saúde! [2] Que tu prospere felizmente! Que Hathor te faça feliz para (mim)! Não te preocupes por (minha) causa, pois eu estou em boa saúde.

Olha: quanto a qualquer coisa que for trazida a (...) [3] (...) como uma lembrança, o equivalente ser-te-á trazido (também).

E saúda Guereg com vida, prosperidade e saúde!

Eis que eu enviei Sa(hathor) [4] para (ver)-te.

Não deixes que Guereg seja negligente a respeito do que eu lhe disse.

E saúda a todos os da casa com vida, prosperidade e saúde!

[vs. 1] (Ao) intendente (...) [vs. 2] Guereg.

Registros e cálculos (papiro Hekanakht V)

Registro 1:

[1] Ano 5, mês 2 da (estação da) colheita, dia 9.

[2] Inventário da cevada do norte de Hekanakht, [3] que ele entregou a Mersu.

[4] Cevada do norte nova: 112 (?) sacos. [5] *Emmer* novo: 63 (?) sacos. [6] (...) 10 (?) (sacos ?).

[7] Linho: 600 feixes. [8] Linho: 500 feixes. [9] O total de (feixes) é [10] 1100.

[11] O que ele trouxe (como) grãos para o gado (lit. para os touros): 4 sacos de cevada do norte, 10 sacos e 5 medidas de *emmer*.

[12] Cálculo da cevada do norte que Hekanakht estabeleceu para seus cultivadores:

[13] Sahathor – 40 sacos e 6 medidas; 100 feixes; [14] Mersu: 50 sacos; 110 feixes; [15] Sanebniut: 40 sacos e 6 medidas; 100 feixes.

[16] Uma arura de terra (plantada de) linho. [17] 12 (sacos?).

Registro 2:

[18] Cômputo do gado que Hekanakht entregou [19] a Sanebniut:

[20] - Touros: 3;

[21] - Vacas que pariram recentemente: 11;

[22] - Novilhas: 5;

[23] - Bezerro: 1;

[24] - Bois (para) juntas: 15.

[25] No caso de Sanebniut chamar [26] o filho de Hety, Nakht, sobre o assunto de uma rês que se perder (?), [27] que ele (deva) capturar mas não o faça (lit. não vá), [28] a metade do seu preço (recairá) sobre ele (e a outra metade) [29] sobre o filho de Hety, Nakht.

Registro 3:

[30] Registro dos pães que Mersu deu a Hekanakht:

[31] - Bolos *sha-sheret*: 1000;

- Pães *bekhesu*: 500;

[32] - Pães *terseset*: 700.

[33] O total de pães *terseset* é 6000.

Registro 4:

[34] Ano 8.

Cômputo do saldo de Hekanakht que está com Mersu:

[35] - Cevada do norte: 12 sacos e 5 medidas;

- (*Emmer*): 13 sacos;

[36] Total geral: 25 sacos e 5 medidas.

Registro 5:

[37] Ano 8.

Cômputo da cevada do norte e do *emmer* que estão fora.

[38] Cada homem especificado por seu nome.

[39] O filho de Ishetni, Senuhetep: 18 sacos;

[40] O governador do distrito, Hetepkhenemu: 7 sacos e 5 medidas;

[41] O filho de Semekhsen, Khetyaa: 4 sacos e 5 medidas;

[42] O filho de Nefersedjeret, Sankhsebek: 5 sacos;

[43] O filho de Useret, Ankh: 5 sacos e 2,5 medidas;

[44] O filho de Kha, Ipi: 1 saco;

[45] O filho de Ankhni, filho de Ipi, Khenetykhetyhetep: 3 sacos;

[46] O filho de Metjenet, Khenetykhetyhetep: 30 sacos.

[47] Total da cevada do norte: 33 sacos. (Total do *emmer*;) 41 sacos e 2,5 medidas.

[48] Total geral: 74 sacos e 2,5 medidas.

[49] O filho de Renenrehut, Ishetni: 3 sacos;

[50] Khety, o escriba: 1 saco e 5 medidas;

[51] O filho de Shed, Nakht: 1 saco e 5 medidas;

[52] O filho de Meru, Khety: 1 saco e 5 medidas;

[53] O filho de Shed, Shed: 3 sacos.

[54] Total: 10 sacos e 5 medidas.

Registro 6:

[vs. 1] Registro das madeiras:

[vs. 2] - Salgueiro: 5 (peças), no (depósito) atrás da casa;

[vs. 3] - Um mastro, no pátio dianteiro;

[vs. 4] - Uma peça de madeira de moringácea;

[vs. 5] - 3 (peças) de madeira de sicômoro;

- Uma pilastra (?);

[vs. 6] - Uma tábua (?) *rurit*;

[vs. 7] - Uma cabine de barco de salgueiro, equivalendo em valor a 60 pranchas;

[vs. 8] - Madeira da árvore *iam*: 4 (peças);

[vs. 9] - Madeira de acácia: 5 (peças);

[vs. 10] - Viga de acácia: uma, grande.

Cômputo de cereal devido a Hekanakht na localidade de Perhaa (Papiro Hekanakht VI)

[1] Aquilo que está em Huthaa setentrional:

[2] Com o filho de Sebeknedjem, Nenrenef: 15 sacos, [3] (juntamente) com o seu irmão.

[4] Aquilo que está em Sunuensebek:

[5] Com Ipi, o jovem: 9 sacos.

[6] Aquilo que está em Spatmat

[7] Com o filho de Nehery, Ipi: 20 sacos.

[8] Aquilo que está em Setsema

[9] Com o filho de Sebek: 4 sacos;

[10] (Com) Sau: 3 sacos;

[11] (Com) o cuidador de cães, Hay: 1 saco.

[12] Na qualidade daquilo que deverá ser medido com a grande medida [13] que está em Nebsyt. [14] Total disto: 52 sacos.

[15] Aquilo que está em Perkhetyankhef:

4 sacos e 5 medidas de cevada do norte;

[16] (Com) o filho de Sati, Sarenenuet: 2 sacos;

[17] (Com) o filho de Seputy, Neferhathor: 1 saco;

[18] (Com) o filho de Khenetykhety, Ankhu: 6 sacos.

[19] (Total:) 13 sacos e 5 medidas.

[20] Total geral: 117 sacos.

[vs. 1] **Inventário do que está em [vs. 2] Perhaa.**

Cômputos diversos (papiro Hekanakht VII)

Registro 1:

- [1] Cômputo do emmer de Hesur.
- [2] (Na) terra baixa, [3] (no) depósito: 30 sacos e duas medidas;
- [4] Emmer: 1 saco e 9 medidas, na medida;
- [5] No edifício mekheryt: 3 sacos e 2 medidas, na cidade;
- [6] (Na) casa de Montunakht: 23 sacos;
- [7] (Na) casa do filho de Tjai, Nakht: 2 sacos.
- [8] Total das provisões para o mês: 60 sacos e 3 medidas, na cidade.

Registro 2:

- [9] Aquilo que está com Satnebsekhetu.
- [10] Como saldo do fio: 20 (rolos), [11] no primeiro dia do (mês de) Shefbedet (...);
- [12] Linho: 1020 (feixes) (...);
60 sacos (...);
- [13] 7 (...);
- [14] No depósito: 10 sacos.
- [15] Neferbau começa com as rações em Rekeh... (...) para (?) Tepiner.

[vs. 1] Cômputo do emmer que está em Hesur [vs. 2] e daquilo que está com Satnebsekhetu.

1.3. Alguns elementos necessários à compreensão do texto dos papiros

Limitar-me-ei a elementos que tenham a ver com o tipo de análise que será empreendido neste escrito.

Começamos com a questão dos pesos e medidas. As cifras são, nestes documentos, de leitura duvidosa em muitos casos, o que explica os pontos de interrogação entre parênteses. *Arura* é o nome grego helenístico, de uso habitual em Egíptologia, da *setjat*, medida egípcia de superfície equivalente a 2.735 metros quadrados. Um saco (*khar*) equivale a 48 litros de grãos;

uma medida (*hekat*), a 4,8 litros. Um *deben* equivale a 91 gramas. A quantidade de cobre indicada numa das cartas de Hekanakht (papiro Hekanakht 2, vs. 1) corresponderia, então, a 2.182 gramas. O egiptólogo Jean Vercoutter acha, porém, que o termo também designa na época um “estalão-cobre” diferente: nesta hipótese, tratar-se-ia de 660 gramas de cobre somente.

Os cereais mencionados nos documentos de Hekanakht são dois: o *emmer* é um trigo duro rico em amido; quanto à “cevada do norte”, tratava-se de uma cevada de grão vermelho, em oposição à “cevada do Alto Egito”, de grão branco, esta última ausente dos mencionados documentos. As designações remetem às cores das coroas do Baixo Egito (vermelha) e do Alto Egito (branca).

O termo egípcio *hebesut*, derivado de um verbo que significa “vestir”, tem sido entendido diferentemente, sendo duas as interpretações mais importantes: 1) uma concubina; 2) uma segunda esposa com menos direitos do que a primeira (solução adotada em minha tradução por ter a preferência, atualmente, da maioria dos egiptólogos). Este assunto será discutido adiante neste mesmo texto.

As rações que constam da segunda carta foram diminuídas por Hekanakht (as cifras apagadas puderam ser lidas); mas ele se esqueceu de ajustar o total, que deveria ser menor com as novas quantidades estipuladas para as rações.

Khenetykhetyperti era o nome do segundo mês da estação de *shemu* (da colheita).

Por último, pelo menos num ponto que não será objeto de análise convém fazer uma indicação relativa à tradução, já que o entendimento alternativo implicaria um sentido muito diferente. Há uma interpretação e tradução diferentes – que não adotei – para a observação que conclui o cômputo de gado (papiro Hekanakht V, registro 2, 25-29): alguns entendem que a situação implicada neste ponto não seria relativa à perda de uma rês mas, sim, uma ordem emanada de Hekanakht de manter na propriedade um touro que deveria ser mandado para fora, devido a ter surgido a oportunidade de vendê-lo em condições muito melhores, já que se obtivera um preço duplo para a rês em questão (KEMP 1988: 240; BAER 1963).

2. A casa de Hekanakht em Nebsyt

As referências ao texto dos documentos em análise far-se-ão, doravante, indicando, em algarismos romanos, o número do papiro de que se trate no

momento (de I a VII), seguido da indicação do número da ou das unidades pertinentes no interior de tal papiro (que, conforme o caso, são colunas ou linhas do reto ou do verso).

Hekanakht refere-se à sua casa de Nebsyt chamando-a explicitamente de “minha casa” uma única vez (I, vs. 14). Em outras ocasiões, fala de “aquela casa” (I, vs. 13) ou “a casa” (I, vs. 13: “aquela servidora da casa”). Não parece haver dúvidas de que se sentisse proprietário, não só da casa mas, até certo ponto, até mesmo das pessoas que nela habitavam: em I, vs. 19, o termo egípcio *per*, que significa “casa”, aparece utilizado num contexto diferente que me levou a traduzir “as pessoas de sua casa de Nebsyt”, mas a implicação literal seria algo como a expressão inglesa *his household*, implicando um certo sentido de propriedade também sobre as pessoas.

A casa em questão devia situar-se em terreno relativamente elevado, não às margens do Nilo; como, aliás, era costumeiro no antigo Egito para evitar que, na época da cheia do rio, as águas invadissem a residência. Em I, 3, mencionando uma tarefa a ser empreendida por seu filho Sanebniut e por seu dependente Nakht na localidade próxima de Khepeshyt, em Perhaa, usa o verbo “descer”, o que implica estar Nebsyt numa situação mais elevada que Perhaa.

Se fôssemos descrever a casa de Nebsyt somente mediante a reunião de suas partes explicitamente mencionadas – num só dos papiros –, não iríamos muito longe. São essas partes: o pátio dianteiro, onde estava um mastro de barco (V, vs. 3); e um depósito ou anexo situado atrás da casa, onde estavam guardadas sete peças de madeira de salgueiro (V, vs. 2). Por sorte, podemos ir adiante por meios indiretos, especificando algumas características da casa e seus anexos cuja existência está implicitamente inscrita nas fontes.

O método que será aplicado para consegui-lo parte de uma hipótese oriunda de área de estudos bem diversa – a África do Norte romana –, mas que me parece de aplicação possível ao Egito dos faraós igualmente, bem como a muitas outras sociedades, por ser de caráter bem geral. Diz Yvon Thébert que, mesmo sendo verdade que, numa casa, todos os espaços internos são da esfera privada por definição, ainda assim é possível distinguir porções desses espaços domésticos segundo “um grau de opacidade muito variável em relação ao mundo exterior”, pelo qual se torna factível usar a dicotomia público/privado ao diferenciar aquelas porções entre si (THÉBERT 1990: 339).

Note-se que os termos *público* e *privado*, neste contexto, devem ser entendidos num sentido relativo, já que, como afirma Thébert, por definição,

tudo é privado numa casa particular. Tais palavras servem somente para aludir ao grau maior ou menor de abertura ao exterior de cada parte da residência.

Se pensarmos nas casas egípcias, como se organizavam, nelas, os diferentes graus de opacidade de que fala Thébert?

Faziam-no segundo uma estrutura funcionalmente ternária: setor *público*, setor *privado*, setor *de serviço*. Se o setor privado é o de maior opacidade, o setor público e o de serviço se abrem ao exterior, mas segundo regras específicas de funcionamento. Uma residência de peso podia ter anexos variáveis: celeiros, como no exemplo examinado, jardins com tanques e pavilhões, oficinas separadas da casa propriamente dita, depósitos, etc. Em cada caso, seria preciso classificar cada anexo num dos três setores funcionais da residência: assim, por exemplo, um jardim situado atrás da casa e usado só pela família seria privado, enquanto um jardim aberto aos hóspedes ou visitantes de qualquer tipo seria público: o exame da planta da casa com seu terreno, nos casos em que isso for arqueologicamente factível, pode dar as indicações necessárias.

A tripartição funcional das residências era uma lógica invariável no antigo Egito, por mais que muitas coisas pudessem variar no detalhe. A cozinha e os cômodos de serviço, por exemplo, podiam chegar a ser totalmente separados da casa propriamente dita. O constante é a disposição estrutural, não a distribuição física. Temos uma confirmação dessa lógica num documento contábil da XIII dinastia, o Papiro Boulaq 18 do Museu do Cairo, que permite conhecer a estrutura funcional do palácio real da época: e o que se nota é exatamente o mesmo esquema, como evidenciado pelo estudo de Stephen Quirke. Podemos supor que, no caso do palácio real, a separação entre a parte privada e as outras deveria ser muito mais taxativa do que nas residências dos súditos, sem o que o faraó ficaria de todo impedido de algum relaxamento ocasional das funções públicas de rei-deus. Em Amarna, tal necessidade levou a uma duplicação do próprio palácio real: havia um, residencial, ao norte; e outro, para o trabalho do rei nos negócios de Estado, no centro da cidade (QUIRKE 1990: 17-50; KEMP 1988: 276-87; CARDOSO 1998).

Passemos agora a aplicar tais raciocínios à casa de Hekanakht em Nebsyt.

Quanta gente vivia em tal casa? Não sabemos ao certo. Só podemos indicar um mínimo.

Quanto a pessoas da família (ou que parecem ser da família), temos: Hekanakht; Ipi; Hetepet; Iutenheb; Mersu; Sahathor; Sanebniut; Inepu; Snefru; Sainut; Hetepet, filha de My; Neferet; Saturet.

A maioria destas pessoas aparece na lista das rações estabelecidas por Hekanakht (II, 8-22). O próprio Hekanakht estava ausente naquela ocasião, mas obviamente deve ser contado como um dos residentes da casa. Iutenheb é chamada pelo nome em II, 40. Isto nos dá 13 pessoas. No entanto, em II, 14, ficamos sabendo que Mersu é casado, por constar a menção a “seus dependentes”, no plural, o que nos conduz a contar pelo menos mais duas pessoas, levando o total de pessoas da família a 15. Note-se que isto é um mínimo: embora a lista de rações não o explicita, Sahathor e Sanebniut eram também provavelmente casados, já que o primeiro recebe ração igual à de Mersu (8 sacos) e o outro, pouco menos (7 sacos): II, 15-16.

No relativo a pessoas que trabalham para Hekanakht e os seus e moram em Nebsyt, são mencionados: o “subordinado” Nakht “com os seus dependentes” (II, 12-13): pelo menos três pessoas, portanto; a servidora de Ipi: II, 9; a servidora de Hetepet: II, 11; a empregada doméstica Senen: I, vs. 13. Isto nos dá um total de pelo menos 6 pessoas. Somando este total parcial com o anterior – 15 pessoas no mínimo da família –, vemos que não menos de 21 pessoas viviam na casa de Nebsyt. De ser isto correto, tal casa deveria ser bastante grande.

É possível, no entanto, que todas estas pessoas pertencessem a uma mesma “casa” – no sentido de estabelecimento, “fogo” (como se dizia no Brasil colonial), *household* – mas algumas delas (as casadas, por exemplo) vivessem em residências menores, situadas na mesma aldeia ou propriedade rural: um indício neste sentido poderia ser que um documento (II, 6) mencione a “eira” de Sanebniut como algo separado. Mesmo assim, no mínimo viveriam na residência central Hekanakht, sua mãe Ipi, sua parente idosa Hetepet, sua segunda esposa Iutenheb, os filhos solteiros e as criadas – o que, de qualquer modo, daria uma quantidade apreciável de gente.

Devemos supor, então, uma provisão de espaço suficiente para tais pessoas no tocante aos cômodos da parte privada da casa, bem como, no caso das criadas, no relativo à parte de serviço, mesmo sendo verdade que os egípcios antigos vivessem, às vezes, consideravelmente amontoados.

As listas de indivíduos residentes fora de Nebsyt com os quais Hekanakht mantinha relações de negócios (provavelmente empréstimos de grãos a juros,

em certos casos talvez alugueiros de parcelas de terras, também o contrato de trabalhos de fiação para os quais fornecia linho bruto), que aparecem sobretudo nos papiros III, V, VI e VII, somam (eliminando-se repetições) pelo menos 33 pessoas. Isto leva a considerar a probabilidade da existência, na casa de Nebsyt, de um setor aberto ao exterior – na forma de uma sala onde se recebessem visitantes, no mínimo por razões de negócios, embora não haja razão para descartar visitas de amigos e parentes igualmente – e de um escritório onde o dono da casa pudesse trabalhar com seu(s) escriba(s) e onde Nakht prestasse contas a seu patrão (e Mersu ao seu pai-patrão).

Por fim, examinando-se o papiro V em seu cômputo número 3, um registro de pães que Mersu entregou a Hekanakht quando de uma de suas viagens, constataremos que, entre pães e bolos, foram 2.200 unidades (V, 30-33). Não há como escapar de ter tido aquela casa um setor considerável de serviço. Os pães e bolos em questão não permitiriam, talvez, pensar na cozinha, pois as unidades respectivas atribuídas a Hekanakht ao viajar seriam na verdade pães contáveis, configurando cereais que, ao longo do tempo, durante a ausência do dono da casa, iriam sendo transformados em pães. Seja como for, mesmo na hipótese mínima de residentes na casa central da propriedade, seu número já faria supor uma cozinha de dimensões consideráveis (a qual, numa casa egípcia, poderia estar situada ao ar livre ou em dependência separada do corpo da residência).

Até agora, então, juntando a lógica estrutural-funcional constante de uma casa egípcia com inferências indiretas mas a meu ver lógicas e até inescapáveis tiradas dos papiros, já temos uma grande casa com sua tripartição funcional habitual: parte “pública” (pátio dianteiro, sala de recepção, talvez escritório); parte “privada” (cômodos onde dormia e estava habitualmente a família); parte “de serviço” (cozinha, dependências e depósitos a ela atinentes, alojamento para pelo menos três criadas, uma das quais em processo de expulsão como se vê em I, vs. 13-14). Além disto, pelo menos um anexo da casa, situado atrás da mesma, é explicitamente mencionado, como se viu.

A verdade é que os anexos “de serviço” têm de haver sido mais numerosos. Pelo menos os seguintes: depósitos de grãos (celeiros); depósito para feixes de linho; depósito para ferramentas e outros objetos; instalações para fiação e tecelagem; instalações para o gado.

Os documentos mencionam, às vezes, quantidades bastante elevadas de cereais, por exemplo no cômputo número 1 de V, 3-6, onde aparece um total

equivalente a pelo menos (já que há uma pequena lacuna que não parece, porém, afetar o total) 185 sacos de cereais, isto é, 8.800 litros de grãos. É preciso, pois, aceitar a existência de celeiros de alguma capacidade em Nebsyt.

No mesmo documento V, analogamente, aparecem computados feixes de linho cujo total é 1.100 (V, 9-10): era mister guardá-los em algum lugar.

Em II, 30 e 33 usa-se o verbo *iken*, que supõe a existência de uma ou mais enxadas em Nebsyt. Em II, 30 aparece uma peneira para grãos. E, embora o verbo *seka* signifique tanto “arar” quanto “cultivar”, em II, 36 ele ocorre num contexto que indubitavelmente lhe dá o sentido de “arar”; e, em V, 24, descobrimos 15 bois para juntas, o que implica por sua vez arados. E onde se guardava a “cabine de barco de salgueiro, equivalendo a 60 pranchas” (V, vs. 7)? Recordemos, por fim, a medida para grãos decorada em couro negro (III, 6) e o fato de que, em I, 6, se menciona a avaliação de pano a ser feita em Nebsyt, o que implica a presença não só de tecidos mas também de uma medida de comprimento, muito provavelmente feita de madeira. Em suma: é indispensável supor um ou mais depósitos de implementos e objetos diversos, além dos celeiros e depósitos de linho.

Fiaava-se ou pelo menos tecia-se em Nebsyt: I, 4 e 6. isto poderia ser feito na própria residência principal ou, mais provavelmente, numa oficina anexa. Quanto às atividades de tecelagem e/ou fiação envolvendo uma mulher chamada Satnebseketu, falando-se em tal contexto de 20 rolos de fios como “saldo” e 1.020 feixes de linho, aparentemente desenvolviam-se em outro lugar (VII, 9-12).

Em V, 18-24 verifica-se a presença, nas terras de Nebsyt, de 35 cabeças de gado. Dadas as características da pecuária egípcia, a existência de gado implica a de um estábulo e possivelmente outras instalações.

Concluamos esta parte. Não há como descrever a casa de Hekanakht em Nebsyt, à falta de elementos textuais ou arqueológicos que o permitam (já que a casa em questão não foi achada e escavada). Podemos, no entanto, inferir de nossas fontes com forte confiança que se tratava de uma residência rural de consideráveis proporções, servindo de alojamento a diversas pessoas e de sede a atividades variadas. Tal residência certamente se organizava funcionalmente segundo a tripartição habitual das casas egípcias; e contava com apreciável número de anexos: celeiros, depósitos, oficinas, estábulo. É possível, ainda, que em torno da residência principal existissem outras menores – a de Nakht e sua família e a de Mersu e sua família, por

exemplo –, habitadas por pessoas que, de qualquer modo, integravam o conjunto que Hakanakht designava com a palavra “casa” no sentido de “as pessoas da casa”, ou ao escrever “minhas pessoas” (II, 29-30).

3. A família e as relações familiares na casa de Nebsyt

3.1. Uma família extensa em Tebas Ocidental?

No Egito faraônico, o que se encontra habitualmente é a família nuclear ou conjugal. Sabe-se, porém, que a família extensa, por diminuir os riscos econômicos, pode desenvolver-se como resposta a fases difíceis (SAHLINS 1974: 99-100). Ora, o final do Primeiro Período Intermediário e o início do Reino Médio foram, indubitavelmente, épocas marcadas por crises agrárias, Nilos baixos e fomes, uma das quais é referida em II, 3-5 e 27-28.

O registro textual e arqueológico do Primeiro Período Intermediário, da XI dinastia final e da XII dinastia inicial não fornece argumentos a favor da existência socialmente difundida da família extensa. E, a meu ver, o mesmo se pode dizer das relações familiares externas às “pessoas da casa” de Hekanakht que aparecem em seu arquivo.

A mulher que ditou a carta correspondente ao papiro IV, Satnebsekhetu, dirigia-se à sua mãe, de mesmo nome, com a qual não habitava, como o texto deixa claro. Isto, porém, deve explicar-se pelo fato de ser a patrilocalidade muito mais freqüente do que a matrilocalidade nos casamentos egípcios: a mulher, ao casar-se, deixava a casa de seus pais para viver na de seu marido. A mãe de Satnebsekhetu vivia com um homem que a remete chama pelo nome, Guereg, sem mencioná-lo como pai: poderia, eventualmente, tratar-se de um irmão seu com o qual residisse a mãe viúva.

Entre as pessoas que não fazem parte da família de Hekanakht mas são mencionadas nos outros papiros de algum modo vinculados ao sacerdote funerário, há muitas menções do tipo “filho de Fulano” (ou “de Fulana”). Mais exatamente, 21 pessoas são assim designadas, sendo que em 19 casos menciona-se o nome só do pai ou só da mãe. Em um único caso aparecem os nomes do pai e da mãe (V, 45). Também uma só vez temos a indicação da filiação paterna sem o nome da própria pessoa aludida (VI, 9).

Há, outrossim, 16 pessoas citadas sem que se explicita a sua filiação. As razões são quase sempre evidentes. Em certas ocasiões, os cargos ou

profissões são mencionados: “o governador do distrito, Hetepkhenemu”(V, 40); “Khety, o escriba” (V, 50); “o cuidador de cães Hay” (VI, 11). Ou então, duas vezes, especifica-se que se trata do irmão da pessoa designada imediatamente antes (III, 8; VI, 3). Ou ainda, quanto a duas pessoas, temos duas formas de dizer “Ipi, o jovem” (III, 7; VI, 5) – entenda-se, em comparação com outro Ipi residente na mesma comunidade.

Herunefer, o Superintendente do Delta, aparece sem filiação (I, 9), provavelmente porque a sua eminência o evidenciava em Perhaa. Mais seis nomes são citados sem indicação adicional, quiçá por inexistirem outros com os mesmos nomes nas suas comunidades de residência. O próprio Nakht, empregado de Hekanakht, aparece uma única vez sem indicação de filiação (III, vs. 1), mas numa carta em que tal filiação já fora mencionada antes (III, 4); e Khenetykhety (I, vs. 6) estava viajando em companhia de Hekanakht, de modo que isto tornaria evidente pelo contexto qual Khenetykhety estava enviando saudações a Snefru.

Vemos, então, que indicar o pai ou a mãe não passava de um dos modos possíveis de evitar a ambigüidade na designação das pessoas, numa sociedade que não usava sobrenomes. Além das modalidades que aparecem nos documentos de Hekanakht, havia mais uma: a de superpor ao nome um apelido – em egípcio, *ren nefer*, “belo nome” (VERNUS 1972).

Sendo assim, a menção à filiação nada tem a ver com clãs, famílias extensas ou coisas do gênero. E, no único caso em que a referência cruzada é possível, “o filho de Ipi, o jovem, Khenetikhety” parece ter residido na proximidade da casa de Hekanakht em Nebsyt e, não, numa sublocalidade de Perhaa chamada Sunusebek onde vivia o seu pai (II, 33; VI, 4-5).

Passemos, então, a examinar o conjunto de pessoas da “casa” (*household*) de Hekanakht.

Não há dúvida de que Hekanakht considerasse a “casa” em questão como uma coletividade. Em II, 25 lemos: “todas as pessoas da casa são como filhos meus e eu sou responsável por tudo”. Uma expressão que parece poder substituir *per* (casa) é *remetjet* (II, 29-30), que significa seres humanos, pessoas, em passagem na qual o sacerdote diz, dirigindo-se a Mersu e Nakht: “Vós dareis estas rações às minhas pessoas (somente) enquanto estiverem trabalhando”. Em I, vs. 16 Hekanakht saúda as pessoas da casa como um todo; o mesmo ocorre em II, 2. E, independentemente dos destinatários especificados no texto, no seu conjunto as cartas contidas nos papiros

I e II são endereçadas “a todas as pessoas da sua casa de Nebsyt” (*per* no sentido de *household*). É ainda pensando no conjunto, coletivamente, que esclarece, após exigir que lhe sejam enviados cereais, no tocante à cevada do norte, “... mas (somente) o que exceder vossas rações (calculadas) até atingirdes a (estação da) colheita” (I, vs. 8). Por fim, além de toda a primeira missiva contida no papiro II estar repleta de injunções que se referem a todas as pessoas da casa, na segunda carta do mesmo papiro lemos: “Quanto a qualquer um que rejeitar aquelas rações, seja entre as mulheres (ou entre) os varões” (II, 37). De novo, as pessoas da casa são pensadas no plural, como coletividade.

Resta decidir se a expressão “família extensa” é aplicável a esta coletividade. Isto exigirá um exame mais circunstanciado dos seus integrantes. Antes, porém, talvez convenha definir o que é uma família extensa:

“...a definição máxima do caráter patriarcal do grupo familiar se obtém quando o **paterfamilias** tem, à sua volta e submetidos ao seu poder de decisão, não só a mulher e os filhos solteiros mas, também, os casados juntamente com suas próprias mulheres e filhos. Este tipo de família patriarcal é normalmente definido como sendo de tipo ‘extenso’: pode compreender também pessoas externas ao círculo familiar direto (servidores ou escravos domésticos) e pode comportar a copresença de até quatro gerações de parentes (segundo a longevidade do **paterfamilias**).”

E ainda:

“Socialmente, a família extensa se configura como um grupo no qual cada pessoa tem individualidade e responsabilidades limitadas: toda a hierarquia das relações familiares (irmão mais velho-irmão menor, irmão-irmã, marido-mulher, pais-filhos) e suprafamiliares (família-escravos) se insere no âmbito de poder do chefe de família mais velho, ficando por isso inevitavelmente condicionada.” (*FALES 1976: 190*)

3.2. As pessoas da casa

A enumeração dos que compõem, para Hekanakht, o conjunto de sua casa (no sentido de *household*) aparece, embora incompletamente, ao ex-

por-se, na segunda carta do sacerdote funerário, a lista das rações (II, 7-23). Os dados da lista foram organizados por mim na **Tabela 1**, na qual se consideraram, além das rações definitivas, as que em primeiro lugar estabeleceram o chefe da família.

Tabela 1

Listas (provisória e definitiva) de rações estabelecidas por Hekanakht para as pessoas de sua casa de Nebsyt (papiro Hekanakht II, 7-23)

PESSOAS	Rações fixadas de início (em medidas)	Rações fixadas de início (em litros)	Rações definitivas (em medidas)	Rações definitivas (em litros)
Ipi com a sua servidora	8	38,4	8	38,4
Hetepet e sua servidora	8	38,4	8	38,4
Nakht, filho de Hety, com os seus dependentes	8	38,4	8	38,4
Mersu e os seus dependentes	8	38,4	8	38,4
Sahathor	8	38,4	8	38,4
Sanebniut	7	33,6	7	33,6
Inepu	5	24	4	19,2
Snefru	8	38,4	4	19,2
Sainut	4	19,2	4	19,2
Hetepet, filha de My	9	43,2	5	24
Neferet	4,5	21,6	3,5	16,8
Saturet	2	9,6	2	9,6
Total	79,5	381,6	69,5	333,6

Observação: o total foi corrigido no caso das rações definitivas (diminuídas), posto que Hekanakht, como foi assinalado, esqueceu-se de efetuar a redução do total ao reduzir várias das rações anteriormente atribuídas.

A esta lista de pessoas faltaria acrescentar, na qualidade de pessoas da casa, o próprio Hekanakht, sua segunda esposa Iutenheb e, ainda, a criada Senen, cuja expulsão fora ordenada por Hekanakht (I, vs. 13-14), razão pela qual não lhe é atribuída uma ração mensal (para um mês ainda no futuro, aliás): mas ela, até pouco tempo antes, fizera parte das pessoas da casa. Hekanakht não estabelece uma ração para si mesmo por estar ausente em viagem. E Iutenheb não aparece na lista porque o sacerdote funerário ordenou a Mersu enviá-la ao encontro do marido (II, 40). Mas é preciso, obviamente, contá-los como membros da casa (no sentido de *household*).

O significado econômico das rações não precisa ocupar-nos aqui. Mas a própria lista interessa de dois pontos de vista: como aparecem, nela, as pessoas; e qual é a hierarquia das cifras e sua lógica.

A ordem de enumeração das pessoas da lista parece indicar intrinsecamente a lógica seguinte:

1) parentes idosas do dono da casa: a mãe de Hekanakht, Ipi, em função dela aparecendo também sua servidora; a tia (?) de Hekanakht, Hetepet, da qual se menciona igualmente uma servidora;

2) empregado de confiança: o “subordinado” (II, 29) Nakht, com o qual se mencionam dependentes seus;

3) filhos varões de Hekanakht em ordem decrescente de idade: Mersu (com dependentes); Sahathor; Sanebniut; Inepu; Snefru; Sainut;

4) filhas de Hekanakht em ordem decrescente de idade: Hetepet, filha de My; Neferet; Saturet.

Destas interpretações, parecem seguros os dados seguintes:

– Ipi é sem dúvida a mãe de Hekanakht (I, vs. 15; II, 1);

– as servidoras de Ipi e de Hetepet são expressamente mencionadas junto aos nomes das patroas (II, 8-9 e 9-10);

– Mersu, Sahathor, Sanebniut, Inepu e Snefru devem ser “aqueles cinco filhos” de que se fala em I, vs. 15; Sainut não teria sido incluído nessa ocasião por ser ainda criança (o assunto da passagem pertinente tem a ver com a segunda esposa de Hekanakht), ou por não ser filho (legítimo?) do dono da casa.

Não há como garantir que Hetepet fosse, de fato, uma tia idosa de Hekanakht, mas fatos como a inclusão dela na lista logo após Ipi, saudá-la especialmente (I, vs. 16), associá-la à mãe como destinatária (II, 1), defendê-la do que seriam provocações por ela sofridas e recomendar que cuidassem dela (II, 38-39) são argumentos a favor de tal hipótese.

Também não há como ter certeza de que Hetepet (trata-se de uma segunda Hetepet, filha de My), Neferet e Saturet fossem filhas de Hekanakht (a primeira adulta, a segunda talvez apenas entrada na adolescência e a terceira uma criança pequena, a julgar pelas rações respectivas); mas a lógica da lista pareceria indicá-lo. Neferet recebeu uma saudação especial de Hekanakht em sua primeira carta (I, vs. 16). Se Hetepet, filha de My, era de fato filha de Hekanakht, My seria o nome da falecida primeira esposa do

sacerdote (sendo a menção à filiação um modo de distinguir a filha da parente idosa de mesmo nome). Outra possibilidade é que se tratasse de uma sobrinha órfã (e talvez viúva) de Hekanakht, residindo com o tio, arranjo de que há exemplos conhecidos no Reino Médio.

Detenhamo-nos por um momento em verificar como são citados os servidores na enumeração das rações. Há uma diferença básica entre Nakht, que aparece por seu próprio nome e com menção de seus subordinados, numa posição de honra logo após as senhoras idosas da família e antes dos próprios filhos de Hekanakht, e as servidoras de Ipi e Hetepet, que constam em justaposição aos nomes das patroas e sem que seus próprios nomes sejam citados. Em outro lugar, porém, a criada de Hetepet, chamada então *peret* (mulher da casa), é considerada como “amiga” de sua senhora, paralelamente à “cabeleireira”, que não fazia parte das pessoas da casa (II, 38-39).

A hierarquia que separa numa categoria à parte o empregado ou empregada de confiança dos outros e, mais em geral, a demonstração de afeto dos patrões para com os criados domésticos são dados que aparecem em estelas funerárias da mesma época.¹

Referir-nos-emos agora aos montantes das rações e sua lógica inerente. Se eliminarmos o caso de Snefru, que na primeira estipulação era gritantemente favorecido pelo pai, as outras cifras guardam uma certa lógica que me parece ser a seguinte: recebiam mais, ou seja, rações maiores de cereal, as pessoas que tinham dependentes. É indubitavelmente o caso de Ipi e Hetepet (com criadas) e de Nakht e Mersu (com família). A partir de tal constatação, Sahathor e Sanebniut deviam ser casados, embora o documento não o mencione, o segundo provavelmente ainda sem filhos; e Hetepet, filha de My, seria provavelmente uma viúva jovem com filhos (ou quiçá com um único filho, já que sua ração acabou limitada a cinco medidas depois de ter sido fixada em nove).

Resta discutir o *status* de Iutenheb. Ela é qualificada pelo termo egípcio *hebesut*, cujo significado é incerto (deriva de um verbo que quer dizer “vestir”). T. G. H. James, o publicador dos papiros de Hekanakht, traduziu-o como “concubina”, no que foi seguido por outros autores. Há certos argumentos a favor dessa interpretação, reforçados e não diminuídos, a meu ver, pela conotação sexual que hoje se percebe em certas passagens relativas a Iutenheb (coisa não percebida em 1962, quando da publicação das fontes).

Para começar, nada indica que ela seja *nebet-per*, isto é, a “senhora da casa” de Hekanakht, papel reservado à mãe do sacerdote, Ipi, à qual vai dirigida

a primeira das duas missivas contidas no papiro Hakanakht II. Além disto, os ataques e provocações que teria sofrido na casa e, mais ainda, o receio de Hekanakht de que algum dos filhos tentasse manter relações sexuais com ela – coisa de que tratarei adiante – parecem menos prováveis em relação a uma esposa. No entanto, a interpretação que hoje predomina é a de que se tratasse de uma segunda esposa que, casando-se com um viúvo, não disporia de todos os direitos de uma primeira esposa, em especial quanto à participação de seus filhos eventuais na herança paterna. Isto parece indicar a pergunta de Hekanakht a seu filho mais velho, Mersu: “O que poderia ela fazer contra vós – estes cinco filhos?” (I, vs. 15). Nas duas traduções mais recentes que conheço, R. B. Parkinson entende *second wife* ou *new wife*; e Edward Wente, *new (?) wife* – ou seja, mantém alguma dúvida a respeito, apesar de adotar a posição de William Ward (DESROCHES NOBLECOURT 1986: 367-9; PARKINSON 1991: 102, 105; WENTE 1990: 55, 60; WARD 1986).

Ao terminar esta análise dos membros da casa (*household*) de Hekanakht, voltemos à pergunta feita antes: trata-se ou não de uma família extensa? Descritivamente, não parece haver dúvida possível: Hekanakht controla em caráter pessoal a riqueza da família e pode por tal razão manter à sua volta, como virtuais empregados, os seus filhos casados, pelo menos um dependente também casado (Nakht), além dos filhos solteiros; e o sacerdote funerário encara explicitamente as criadas domésticas como membros integrantes da casa (*household*). Vimos, porém, que não há sinais da presença institucional da família extensa no Egito da época – ao contrário do que chegaram a afirmar certos egiptólogos.² E, como recorda Sahlins, mesmo se uma família extensa pode cumprir em certas sociedades importantes funções econômicas, “a produção sozinha não faz a família”, já que uma dada modalidade de estrutura familiar “está fixada em um sistema social mais amplo, para cuja existência contribui mais do que o rendimento material apenas” – isto é, a família extensa, como qualquer tipo de família, manifesta comportamentos e atitudes que são necessários ao funcionamento e à reprodução do sistema social maior de que forma parte (SAHLINS 1974: 100).

É por isso que, apesar de *assemelhar-se* a uma família extensa, a que examinamos não me parece *ser* uma no pleno sentido sociológico ou antropológico do termo, por não corresponder a uma instituição socialmente difundida. Deve ter resultado, simplesmente, de um artifício de Hekanakht para obter mão-de-obra numa fase de dificuldades econômicas e baixa população, mediante os meios de pressão que lhe proporcionava o controle exclusivo de um patrimônio

que teve origem, ao que tudo indica, em sua função de sacerdote funerário do vizir Ipi; e não, aparentemente, numa herança familiar. A sua atitude parece ser a de um *self-made man*: coisa de todo contrária à ideologia dominante de uma sociedade na qual, em teoria, o rei era o único que podia fazer e desfazer o *status* e a fortuna dos indivíduos. A ruptura do Primeiro Período Intermediário, inaugurando uma situação ainda perceptível no início do Reino Médio, não durou o bastante para abalar em profundidade tal ideologia. Mas abriu brechas inéditas – ainda não fechadas de novo na época de Hekanakht – para o possível enriquecimento e a conquista de uma proeminência local por parte de pessoas ambiciosas e hábeis. Numa dessas brechas é que se inseriu o nosso sacerdote funerário. Bem como, muito provavelmente, outros “plebeus” que não deixaram escritos que se conservassem, paralelamente a nomarcas e outros funcionários graduados, momentaneamente liberados dos controles e da competição de um Estado centralizado e seus circuitos econômicos.

3.3. O enredo de uma tragicomédia: as relações entre as pessoas da casa de Hekanakht

Quando fora de Nebsyt, Hekanakht utilizava seu segundo filho, Sahathor, como estafeta: este, navegando no Nilo, levava a correspondência do sacerdote funerário às pessoas de sua família residentes naquela localidade de Tebas Ocidental (I, vs. 14). E, ao que tudo indica, ao voltar para onde estivesse no momento o chefe da família, trazia numerosas reclamações; especialmente, a julgar pelas cartas que se acham nos papiros Hekanakht I e II (neste último, refiro-me à segunda missiva nele contida), contra Mersu, o filho mais velho e administrador na ausência do pai.

Na interpretação de Klaus Baer, Hekanakht escreveu pessoalmente as três cartas dos papiros Hekanakht I e II, assim como alguns dos documentos contábeis. Embora não haja consenso a respeito – outros autores crêem que as cartas foram ditadas a escribas profissionais que não eram membros da família –, caso tenha razão Baer, podemos imaginar Sahathor, em suas passagens por Nebsyt, assediado por Hetepet, Iutenheb, Inepu e Snefru para que anotasse (ou memorizasse) suas queixas, levando-as ao sacerdote funerário para que este tomasse providências e as incluísse em sua correspondência... (BAER 1963: 19; GOEDICKE 1984: 121; JAMES 1962: 167).

Como, a respeito das relações no seio da família, só dispomos das cartas que estão nos papiros Hekanakht I e II – todas do próprio Hekanakht

ou ditadas por ele —, é óbvio que temos acesso a tais relações unicamente do seu ângulo pessoal.

Os autores que se ocuparam com este fascinante aspecto da questão coincidem, quanto ao sacerdote funerário, em considerá-lo um homem já relativamente idoso, prolixo e repetitivo, preocupado com detalhes, impaciente (PARKINSON 1991: 102; HAYES 1978, I: 166). Uma egiptóloga que é também romancista o imagina como um velho meio gordo e calvo, enrugado, de nariz adunco, com olhos vivos e cheios de suspeita... (MERTZ 1990: 126-7) Mas isto significa ir muito além do que as fontes permitem, claro!

Quanto a mim, sem que tenha qualquer dúvida de estar diante de um tiranete pomposo, cheio de si, passavelmente ridículo, acho necessário, entretanto, não levar excessivamente a sério o tom de constantes cobranças e resmungos de suas cartas. Temos, na própria existência do arquivo de Hekanakht, um dos resultados de haver ocorrido no Egito, desde a última parte do III milênio a.C., uma apropriação privada do estilo epistolar nascido nos ambientes oficiais do Estado faraônico: um estilo segundo o qual era atitude esperada de um chefe a censura constante aos subordinados. Uma carta proveniente de Elephantina, o papiro Turim CG 54.002, documento atribuído ao reinado de Pepi II (2246-2152 a.C.), da VI dinastia, contém passagens que se assemelham às primeira e terceira cartas de Hekanakht (contidas no papiro Hekanakht I e no papiro Hekanakht II a partir da coluna 29):

“Disseram-me que fizeste semear uma medida de **emmer** no nomo de Hieracômpolis (?) (...) que arara o mencionado Memi juntamente com o Amigo (único do rei,) o diretor dos sacerdotes (...) de Rizeiqat, sob o controle do Amigo único Shemai. Ora, quando o Amigo único Senkau vier ao dito nomo, eu é que (me aplicarei) no domínio, cultivando os terrenos secos com o **emmer** de um homem (s6?) do nomo, o enviado (...), e eu te farei saber quão más são a transgressão e a insolência das pessoas ruins. Ora, cuida-te dos magistrados, pois eu agirei de um modo de que não vais gostar.” (ROCCATI 1982: 290)³

Esta carta, a mais de um século de distância de Hekanakht I e Hekanakht II (segunda missiva), tem com estes últimos documentos semelhanças inegáveis de temática, tom e estilo. Trata-se, no entanto, de texto administrativo gerado no interior do aparelho de Estado. Ainda sob o Reino Antigo, começara a ocorrer uma progressiva extensão da escrita e dos textos para fora do círculo estritamente oficial, como se pode notar nas tumbas privadas

(mas ainda sem sair do círculo dos grupos dirigentes, que naquela época se estavam ampliando bastante, na corte tanto quanto nas províncias). A seguir, com a dispersão político-administrativa do Primeiro Período Intermediário, deu-se uma extensão social mais ampla do acesso à escrita e ao uso de textos, ultrapassando pela primeira vez os limites do grupo dominante central e provincial: deste movimento resultaram fontes como os *Textos dos sarcófagos* e também o arquivo de Hekanakht (BAINES 1988).

Da própria época de Hekanakht é o Encantamento nº 720 dos *Textos dos sarcófagos*, em que o morto redivo aparece como um “administrador de campos cultivados” nos domínios do deus solar Ra e diz:

“O que o Grande possui é dado, mas o subordinado nunca fica satisfeito (...); Eu não estou contente com aqueles que me cercam, pois não vejo o que fizeram por mim. Eu distribuo o que um Grande possui, eu pacifico o subordinado (...).” (BUCK 1935-1961 VI: número 348)

Parece-me que temos aí, em resumo, algo parecido à atitude de chefe resmungão e pretensamente magnânimo assumida por Hekanakht em suas missivas à família. É provável, então, que se deva fazer algum desconto no que tange a convenções intervenientes na redação de documentos de um superior a seus subordinados.

Quer tenha Hekanakht redigido pessoalmente uma ou mais de suas cartas ou as tenha ditado, as preocupações que expressa no relativo às relações familiares estão sem dúvida ligadas a episódios e circunstâncias reais: mas o modo de sua expressão traz embutida uma imagem de si mesmo adequada às convenções acerca do que deve ser e como deve se comportar e falar um chefe de homens.

Hekanakht parece ter sido, do ponto de vista econômico, um administrador eficiente de seus interesses privados. Como administrador de sua família e dos conflitos nela emergentes, suspeito que sua eficiência fosse bem menor. Para começar, encorajar as queixas e delações não configura um bom método para manter a harmonia familiar. Há, também, indicações de que houvesse considerável relutância em obedecer-lhe. E certas passagens só podem ser qualificadas como patéticas.

Nas instruções sobre a devolução de certos objetos a Inepu por Mersu (que os teria tirado do irmão), lemos: “Não me faças escrever-te a respeito disso outra vez, pois eu (já) te escrevi a esse respeito duas vezes!” (II, 34-35). Em I, vs. 7, Hekanakht dera instruções a Mersu para que Snefru, seu

filho predileto, fosse ao seu encontro após o cultivo; mas fica claro, depois, que o rapaz se recusa a ir: e o pai não insiste, dizendo a Mersu que o deixe agir como quiser (II, 36-37).

No que tange à segunda esposa, Iutenheb, percebemos as suspeitas de um homem de meia idade, casado com uma mulher provavelmente bem mais jovem, de que um de seus filhos pudesse seduzi-la. Lemos: "...qualquer um que vier a cometer alguma (má) ação no tocante ao sexo de (minha) segunda esposa, ele está contra mim e eu estou contra ele..." (II, 41). E ainda:

"Olha: quanto a qualquer um que vier a fazer com ela algo parecido àquilo que eu fiz... Acaso, certamente, um de vós seria paciente (se) lhe fosse denunciada a sua esposa? Seria eu paciente? De que forma? E como poderia estar convosco à mesma mesa? Não respeitaríeis, por minha causa, (a minha) segunda esposa?" (II, 42-44)

Aqui, a indignação desemboca numa espécie de apelo. Não sabemos se tal indignação nasceu de pura especulação, ou tinha bases mais concretas, por exemplo algum rumor trazido de Nebsyt por Sahathor.

Em relação às pessoas da casa de Nebsyt vistas como um todo, a diminuição das razões é laboriosa mas debilmente disfarçada de magnanimidade (II, *passim*) e justificada com grande uso de expressões bombásticas, pleonásticas, bem como do que parecem ser citações de ditados populares.

Tanto a primeira carta contida no papiro II quanto a do papiro IV (esta última não sendo, porém, de Hekanakht mas, sim, de uma mulher, Satnebsekhetu) parecem indicar que, ao se escrever à própria mãe, era de bom tom um estilo formal, copiado das missivas cerimoniosas enviadas a personagens importantes.

Talvez por ser o administrador na ausência do pai e, portanto, por tipificar por excelência a figura de empregado por excelência deste último – também, segundo creio, como meio de cortar qualquer veleidade de independência e autoridade própria que pudesse assumir –, em relação a Mersu, destinatário do papiro I e (em conjunto com Nakht) da segunda carta contida no papiro II, o tom é, o tempo todo, de cobranças, exortações no geral e no particular, censuras e ameaças. As únicas – e fracas – exceções estão em I, vs. 15 ("Olha: por que eu te faria (coisas) desagradáveis?") e em II, 31, falando dos membros da casa como trabalhadores ("Eis que se eles forem diligentes, se te agradecerá e eu não vos farei coisas desagradáveis").

Em compensação, no tocante a Snefru, provavelmente um adolescente, a atitude do pai é de tolerância total, consentindo-lhe todas as veleidades e caprichos (II, 35-37). Também notamos uma disposição favorável do sacerdote funerário ao saudar individualmente as mulheres da família (I, vs. 15-16).

Falemos agora das queixas e reclamações, sobretudo contra Mersu, implicadas na correspondência, ao que tudo indica levadas a Hekanakht por Sahathor.

A criada Senen – cuja expulsão é ordenada – teria sido encorajada por Mersu a agir mal em relação à segunda esposa do sacerdote funerário, Iutenheb. É plausível que Senen a julgasse uma usurpadora: a criada talvez fosse fiel à memória da primeira esposa, cujos filhos poderiam eventualmente vir a ser ameaçados pelo segundo casamento do pai (I, vs. 13-14).

No caso de Snefru, embora não apareçam queixas específicas, há uma indicação indireta de não querer ficar sob a autoridade imediata do irmão mais velho no fato de ter declarado preferir ocupar-se do gado a arar com Mersu (II, 35-36). Dentro da firme tradição egípcia de separar a gestão dos campos daquela do gado, nas terras de Hekanakht o rebanho estava entregue a outro filho, Sanebniut, assessorado por Nakht (V, 18-19 e 25-29).

Como Snefru, Inepu era aparentemente um adolescente, já que ambos são recomendados a um cuidado especial dos irmãos mais velhos (I, vs. 6-7 e vs. 12-13). Viu-se já ter Hekanakht ordenado a Mersu que devolvesse a Inepu coisas de propriedade deste que lhe teria tirado: se algo houvesse sido perdido ou destruído, Mersu deveria compensá-lo pela perda (II, 34).

A velha Hetepet parece acusar Mersu (e talvez outros dos irmãos, posto que, neste ponto, Hekanakht usa o plural vós) de separar dela suas amigas – sua criada e sua cabeleireira –, apesar das instruções anteriores de Hekanakht em sentido contrário (II, 38-39).

Por fim, ao ordenar que sua esposa Iutenheb lhe fosse enviada, Hekanakht dá como razão para tanto, referindo-se neste ponto só a Mersu, “posto que não a queres contigo” (II, 40); o que poderia ligar-se a algo que mandara dizer Iutenheb por meio de Sahathor.

Uma bela coleção de pequenas rivalidades, desavenças e recriminações familiares, portanto. Ao que tudo indica, administradas com notável incompetência e parcialidade por Hekanakht.

Conclusão

Como diz Barbara Mertz, as cartas de Hekanakht constituem uma espécie de periscópio voltado para um passado longínquo e formam um quadro vívido e divertido da vida privada de uma família plebéia – no sentido egípcio da palavra *nedjés*: um plebeu é aquele que não tem acesso ordinário à corte do faraó – de quatro mil anos atrás. É um quadro ainda mais precioso por ser praticamente único (MERTZ 1990: 129).

É pena que a cortina caia – para nós – sobre o cenário bucólico da casa de Nebsyt em pleno andamento de um dos atos do drama (ou tragicomédia?) familiar. Coisa curiosa: o fugidio olhar sobre a intimidade de uma casa egípcia da Antiguidade que o acaso permite nos conduz a uma comédia de costumes das mais tradicionais no teatro ocidental, protagonizada por um velhote avaro casado em segundas núpcias com uma mulher jovem e temeroso de uma “traição” sexual...

O que pode bem ter acontecido, aliás; já que, num aspecto da situação que armou em sua casa para seu próprio proveito, Hekanakht pode ter sido incapaz de escapar de determinados dilemas. Pai-patrão, explorador dos filhos, dado à prepotência, ele no entanto entrava com eles na conhecida dialética da interdependência dos contrários outrora exposta por Hegel e mais recentemente por outros autores (como por exemplo Albert Memmi), aplicável às relações entre patrão e empregado, senhor e escravo, colonizador e colonizado... Pois uma coisa era expulsar uma criada doméstica. Mas que fazer no caso de filhos insubordinados que, ao mesmo tempo, constituíam a preciosa mão-de-obra permanente com que contava Hekanakht em sua acumulação de riqueza e prestígio? Tais filhos sem dúvida percebiam isso e exploravam, sempre que possível, até onde lhes era dado avançar no caminho da insubordinação sem perigo grave.

Sabendo o que sabemos, é divertido pensar que, se Hekanakht chegou a encomendar para si mesmo uma estela funerária, nela seria representado – sereno, sorridente e jovem –, acompanhado da esposa (ou das duas esposas), diante de uma mesa de oferendas, tendo o pai e a mãe atrás de si e os outros membros da família, talvez mesmo todas as pessoas da casa, incluindo os empregados, harmoniosamente reunidos...

Documentação

- BUCK, Adriaan de. *The Egyptian coffin texts*. Chicago: University of Chicago Press, 1935-1961. 7 vols.
- JAMES, T. G. H. *The Hekanakhte papers and other Early Middle Kingdom documents*. New York: The Metropolitan Museum of Art Egyptian Expedition, 1962.
- PARKINSON, R. B. *Voices from ancient Egypt: An anthology of Middle Kingdom writings*. London: British Museum Press, 1991.
- ROCCATI, Alessandro. *La littérature historique sous l'Ancien Empire égyptien*. Paris: Éditions du Cerf, 1982.
- WENTE, Edward. *Letters from ancient Egypt*. Atlanta: Scholars Press, 1990.

Bibliografia não incluída nas Notas

- BAER, Klaus. "An Eleventh Dynasty farmer's letters to his family". *Journal of the American Oriental Society* (New Haven). 73, 1963, pp. 1-19.
- BAINES, John. "Literacy, social organization, and the archaeological record: the case of early Egypt". In: GLEDHILL, J. et alii (orgs.). *State and society: the emergence and development of social hierarchy and political centralization*. London: Unwin Hyman, 1988, pp. 192-214.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. "As casas residenciais do Egito faraônico". In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (org.). *História e imagem*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em História Social, 1998, pp. 137-45.
- DESROCHES NOBLECOURT, Christiane. *La femme au temps des pharaons*. Paris: Stock-Laurence Pernoud, 1986.
- FALES, F. M. "La struttura sociale". In: MOSCATI, Sabatino (org.). *L'alba della civiltà*. Torino: UTET, 1976. 3 vols Vol. I, pp. 149-273.
- GOEDICKE, Hans. *Studies in the Hekanakht papers*. Baltimore: Halgo, 1984.
- HAYES, William C. *The scepter of Egypt*. New York: The Metropolitan Museum of Art, 1978. 2 vols.
- KEMP, Barry. *Ancient Egypt: Anatomy of a civilization*. London-New York: Routledge, 1988.

- MERTZ, Barbara. *Red land, black land: Daily life in ancient Egypt*. Ed. revista. New York: Peter Bedrick, 1990.
- QUIRKE, Stephen. *The administration of Egypt in the late Middle Kingdom*. New Malden: Sia Publishing, 1990.
- SAHLINS, Marshall D. *Sociedades tribais*. Trad. Yvonne M. Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- THÉBERT, Yvon. "Vida privada e arquitetura na África romana". In: VEYNE, Paul (org.). *História da vida privada. I. Do Império Romano ao ano mil*. Trad. de Hildgard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, pp. 301-97.
- VERNUS, Pascal. "Noms propres juxtaposés au Moyen Empire". *Revue d'Égyptologie* (Paris). 23, 1972, pp. 193-199.
- WARD, William A. *Essays on feminine titles of the Middle Kingdom and related subjects*. Beirut: American University of Beirut, 1986, pp. 65-69.

Notas

¹ Ver exemplos em: BOURRIAU, Janine. *Pharaohs and mortals: Egyptian art in the Middle Kingdom*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

² Acerca da família no antigo Egito e temas correlatos, ver: CAPEL, Anne K. e MARKOE, Flenn E. (orgs.). *Mistress of the house, mistress of heaven: Women in ancient Egypt*. New York-Cincinnati: Hudson Hills Press-Cincinnati Art Museum, 1996; JANSSEN, Rosalind M. e JANSSEN, Jac. J. *Growing up in ancient Egypt*. London: The Rubicon Press, 1990; NUR EL DIN, Abdel Halim. *The role of women in the ancient Egyptian society*. Cairo: S.C.A. Press, 1995; ROBINS, Gay. *Women in ancient Egypt*. Cambridge (Mass.): Harvard University Press, 1993; _____. *Reflections of women in the New Kingdom*. San Antonio (Texas): Van Siclen Books, 1995; ROMANO, James F. *Daily life of the ancient Egyptians*. Pittsburgh (PA): The Carnegie Museum of Natural History, 1990; STROUHAL, Eugen. *Life of the ancient Egyptians*. Norman: University of Oklahoma Press, 1992; WHALE, Sheila. *The family in the Eighteenth Dynasty of Egypt: A study of the representation of the family in private tombs*. Sydney: The Australian Centre for Egyptology, 1989.

³ O texto em egípcio foi publicado em *The Journal of Egyptian Archaeology*. 54, 1968, pp. 14-22.